

Sobre o poema “Religião”, de Mário de Andrade

Sônia Regina da Silva

O poema “Religião” inicia-se com uma invocação a Deus (“Deus! creio em Ti!”), o “Redentor”, e com uma confissão de crença na Bíblia (documento religioso contendo as palavras de Deus), tal como expresso no trecho “Creio na tua Bíblia!”, cujos ensinamentos, sabemos, são difundidos, fervorosamente, aos fiéis pela religião.

Neste poema de Mário de Andrade há um “eu” poético que faz alusões a imagens sacras como: “Deus”, “Redentor”, “Calixto”, “Luteros”, “Mações”, “Santa Efigênia”, “Santa Maria, mãe de Deus”. Refere-se, mesmo, a lugares sacros para os cristãos: “Palestinas”, “Maçonarias”, “Jardim das Oliveiras”. E a objetos religiosos como a “Bíblia”, à primeira instituição da religião cristã (o “Catolicismo”), a elementos da natureza (a “Lua”) e, por extensão, à noite (o “Noturno em sangue do Jardim das Oliveiras!...”). Portanto, temos que, neste poema, as figuras de Deus e de Santa Efigênia e Santa Maria, mãe de Deus, correspondem a 2ª pessoa da interlocução, com a qual a 1ª pessoa, o “eu” poético, dialoga do começo ao final do discurso, como por exemplo o diálogo com a Santa Efigênia na estrofe:

Naves de Santa Efigênia,
os meus joelhos criaram escudos de defesa contra vós!
Cantai como me arrastei por vós!
Dizei como me debrucei sobre vós!

Nesta estrofe, há uma voz poética se autoanalisando em relação à prática de ajoelhar-se diante de uma imagem religiosa, a Santa Efigênia. Há certa resistência para o exercício de tal ato: “os meus joelhos criaram escudos de defesa contra vós!”, “[...] como me arrastei por vós!” e “[...] como me debrucei sobre vós!”. A ideia prevalecente para mim é que a voz deixa de lado a razão para se libertar de qualquer dogma religioso que lhe foi transmitido, com vistas à busca da sua própria “vontade”. E, sendo assim, o 2º verso (“a Hospedaria dos Jamais Iluminados!”) da última estrofe deste poema, nos servirá de elucidação para a avaliação da conduta de fiéis que se furtam das convenções do catolicismo



sob à ótica da religião. Por conta disso, esses serão intitulados hereges e, portanto, não receberão a luz divina. Ou seja, segundo os preceitos do Catolicismo perdem a conexão com Deus! Logo, não adentrarão no reino dos céus.

Desta maneira, é louvável dizer que temos um texto poético de absoluta meditação no âmbito de uma perspectiva religiosa, dentro da qual o “eu” poético evoca, enfaticamente, o seu desejo de expressar a crença no Deus redentor (relação do “eu” com a imagem de um ser divino transcendental, o “Salvador” dos fiéis seguidores dos dogmas do Catolicismo), tal como expresso no verso: “Deus! creio em Ti! Creio na tua Bíblia!”. Mas, por outro lado, faz-se uso do tom irônico, ao referir-se à “veracidade” do Catolicismo e das suas práticas religiosas diárias, expresso nos versos seguintes das estrofes 3 e 4:

Catolicismo! Sem pinturas de Calixto!... As humildades!...
No poço das minhas erronias
vi que reluzia a Lua dos teus perdoares!...

Rio-me dos Luteros parasitais
e dos orgulhos soezes que não sabem ser orgulhosos da Verdade;
e os mações, que são pecados vivos,
e que nem sabem ser Pecado!

De acordo com a análise dessas estrofes, talvez esteja aqui o ponto de tensão deste poema diante das divagações da voz poética. Pois, nesses versos, com a inserção de certa ironia, toca-se nos conceitos de “perdão” e dos “erros”, referências aos Luteros (intitulados “parasitais”), aos mações (intitulados de “pecadores vivos”), à “Verdade” em si e ao “Pecado”; prevalecendo, entretanto, uma certa inquietação, em relação a esse contexto religioso movido por uma fé racionalizada, fazendo do cristão um seguidor fiel de normas e convenções universais incontestáveis, que nem sequer sabem de fato o que é “pecar”, “errar”, “perdoar”, ser “humilde”, o que é a “Verdade”.

E, por fim, valendo-se desses devaneios do “eu” poético, temos que a “Lua” neste texto, referente aos versos: “Mas dos longínquos veio o Redentor!”, “e no poço sem fundo das minhas erronias”, “vi que reluzia a lua dos seus perdoares!...”, pode simbolizar a “luz divina” que ilumina a todos independentemente dos “erros” e “pecados” etc. e a “loucura”, relacionada aos versos: “ “Santa Maria, mãe de Deus...” ”, “[...]”, “Venho depositar aos vossos pés verdes”, “a coroa de luz da minha



loucura!”, representa o lado irracional das coisas (em seu sentido positivo!), colocado em prática para a desconstrução do que é considerado, até então, racional dentro dos preceitos do catolicismo. Assim, também é possível entender que a subjetividade do poema nos leva a crer na existência de um embate entre o profano (o alheio aos conhecimentos religiosos, como a descrença em verdades únicas sobre Deus, pecados, erros, crenças etc.) e o religioso (a crença racionalizada acerca daquilo que se entende como “sagrado” ou não, “bom” ou “ruim”, “pecador” ou não etc.). Tudo isso nos acomete, constante e concomitantemente, a dissociação da religiosidade raciocinada, que somente nos traz verdades prontas como absolutas e universais (p. ex., de acordo com o catolicismo, o “sangue” no poema pode ser entendido como o símbolo da morte de Cristo, o sacrifício para a redenção dos fiéis. Por fim, o período da representação de uma prática ritualística voltada para o derramamento do sangue de Jesus no “locus” religioso, correspondente ao Jardim das Oliveiras, referente ao verso: “Noturno em sangue do Jardim das Oliveiras!...”).

RELIGIÃO

Deus! creio em Ti! Creio na tua Bíblia!

Não que a explicasse eu mesmo,
porque a recebi das mãos dos que viveram as iluminações!

Catolicismo! Sem pinturas de Calixto!... As humildades!...
No poço das minhas erronias
vi que reluzia a Lua dos teus perdoares!...

Rio-me dos Luteros parasitais
e dos orgulhos soezes que não sabem ser orgulhosos da Verdade;
e os mações, que são pecados vivos,
e que nem sabem ser Pecado!

Oh! minhas culpas e meus tresvarios!
E as nobilitações dos meus arrependimentos
Chovendo para a fecundação das Palestinas!
Confessar!...
Noturno em sangue do Jardim das Oliveiras!...

Naves de Santa Efigênia,
os meus joelhos criaram escudos de defesa contra vós!



Cantai como me arrastei por vós!
Dizei como me debrucei sobre vós!

Mas dos longínquos veio o Redentor!
e no poço sem fundo das minhas erronias
vi que reluzia a Lua dos seus perdoares!...

“Santa Maria, mãe de Deus...”
A minha mãe-da-terra é toda os meus entusiasmos:
dar-lhe-ia os meus dinheiros e minhas mãos também!

Santa Maria dos olhos verdes, verdes,
Venho depositar aos vossos pés verdes
a coroa de luz da minha loucura!

Alcançai para mim
a Hospedaria dos Jamais Iluminados!

ANDRADE, Mário de [1893-1945]. *Pauliceia desvairada* [1922]. In: *Poesias completas*. São Paulo: Círculo do Livro/Livraria Martins, 1983.

